

Cantora e compositora cubana Indira Castro completa três anos em Porto Alegre neste mês dedicado aos migrantes



reportagem cultural

## Brasil, Caribe e África unidos pelos sons

Carol Zatt, especial para o JC

No Brasil, o Dia Nacional do Migrante foi criado por lei somente em 2023, para a Semana do Migrante e do Refugiado ser celebrada anualmente entre 19 e 25 de junho. Especialmente para a última década da cena musical do Rio Grande do Sul, a análise do fenômeno da chegada de artistas oriundos do Caribe e da África em crescente interação com a classe local tende a criar contornos positivos exponenciais. E as curadorias dos festivais de cinema pelo Interior comprovam que, já faz anos, realizadores do audiovisual gaúcho utilizam o suporte como meio de registro desse momento histórico.

“Por ter que me arremessar/ Em rezas dos meus confins/ Refazendo ainda que tarde/ As trilhas por onde eu vim/ Soprar a própria vida/ Se a vida assim deixar/ Sem rumo, sem destino e sem lugar” eram versos de uma música que o compositor Glênio Bohrer havia escrito sobre a questão dos migrantes, mas que não estava prevista para o repertório do seu álbum duplo, *Embaraço 1 e 2* (2025). No entanto, assistir um show de Indira Castro no Espaço 373, na Capital, influenciou para *Vozes da Liberdade* entrar no projeto. “Quando vi uma artista cubana morando em Porto Alegre, tive o ímpeto de conversar com ela”, conta Bohrer, que perguntou logo se ela poderia cantar uma música

sua. “Queria muito que fosse feita por uma pessoa que vivesse essa condição de ter saído do seu país e morar em outro, que cantasse em português com o seu sotaque e com o seu aprendizado da língua local de uma forma evidente. A interpretação realmente de alguém chegando num lugar novo”, relembra o compositor.

Para o autor, Indira é uma artista completa, com entendimento do que precisa interpretar. “*Vozes da Liberdade* era inicialmente um samba, que teve um arranjo mais caribenho por parte do produtor Cristian Sperandir. Existe um movimento permanente questionando os problemas dos movimentos migratórios, enquanto esses questionamentos esquecem da im-

portância que todos os imigrantes têm para a construção dos países no mundo inteiro. E, no nosso estado, isso é muito marcante.”

Andréa Cavalheiro, que abriu as portas do Grezz para a cubana se apresentar, lembra que também já esteve fora, no Rio de Janeiro e em São Paulo, dependendo de outras pessoas para poder ser conhecida: “A minha conexão com a Indira é muito desse lugar de mulher negra, mais ainda com o fato dela ter três filhos. Sabei do país dela para vir para o nosso, viver de arte no Brasil. Indira é uma grande potência”.

Além do apoio da colega e do reconhecimento de Bohrer, a cubana de 37 anos, que está completando somente três de Porto

Alegre, cita as parcerias de Tuti Rodrigues (percussionista dono do estúdio onde a artista ensaia), do baixista Luciano De Leon como diretor musical, do pianista e compositor João Maldonado e de Bethy Krieger e Luizinho Santos do Café Fon Fon. “Sempre tive pessoas ao longo dessa caminhada aqui no Brasil, me indicando, me auxiliando com a questão da ingenuidade que trago de Cuba. ‘Guarda o celular nessa rua’. ‘Não deixa as crianças aqui’... Só recebi acolhimento, e o trato é maravilhoso. Tenho a melhor das opiniões dos gaúchos, que me ajudaram a iniciar. Andréa Cavalheiro foi a pessoa que me acolheu no seu espaço para eu brilhar”, afirma Indira.

“Tudo é troca”, já diria Giba Giba, em *Lugarejo*, composição com Wanderlei Falkenberg. Retratando o encontro de artistas imigrantes para juntos fazerem sua versão desse clássico do cancionista gaúcho, o documentário musical *Canção Imigrante* (2025), de Cléverson Borges e Pedro Guindani, concorre na mostra nacional de curtas do *Cinemató, festival de Cuiabá*, no fim deste mês.

Leia mais na página central